



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÃO

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SEculo, 43—LISBOA

Aos Francezes



Acolhei com amor e confiança
Esta bandeira indomta e sagrada
Pois outra não vereis alevantada
Com mais famoso garbo e mais pujança.

Não tereis apagados na lembrança
O braço que a segura e aquela espada
Que a par da vossa, pela mesma estrada,
Brilhou ao mesmo sol, filhos da França!

O peito a que se ampara, forte e airoso
Ha-de sangrar talvez, que é dura a guerra,
E como ao coração a traz cingida

Ha-de molhal-a em sangue generoso:
Beijae-a! vae regar na nossa terra
A flôr da liberdade, a fiôr da vida!

Mascara Azul.

PALESTRA AMENA

João Penha

No *Seculo*, edição da noite, um colega nosso no labutar das letras versou o assunto João Penha, isto é, as infelicidades do illustre poeta, a pensão que lhe vai ser concedida e os comentarios que ela tem provocado entre os patetas que não comprehendem que o paiz deva alguma coisa ao boêmio coimbo:ção pelo simples facto de ele fazer versos.

Ficou esgotada a questão, a nosso ver e os tais patetas não replicaram, porque nada tinham a replicar. A que vem pois a «Palestra» com igual tema? A isto, apenas: a dizer ao referido collega que raras, rarissimas pessoas perdoarão, lá no intimo, a resolução da camara, e não só os insignificantes a que se referiu; poucas confessarão o seu modo de pensar a tal respeito, não por pudor mas por medo, mas a verdade é que não-de fazer com os respectivos botões comentar os desagradabilissimos para os cultores das musas e seus admiradores.

Não vamos mais longe: d'um cidadão sabemos nós—e de muitos nas mesmas condições—que, julgando não afrontar ninguem com o facto de fazer versos, supondo que as rimas são inoffensivas e que a musica do ritmo não ofende o ouvido alheio, toda a sua vida tem sido prejudicada porque a natureza lhe concedeu a infeliz faculdade de se saber expressar em forma e linguagem poetica.

Frequentou aulas, estudou e os professores não deixavam de lhe atribuir uma tal ou qual faculdade de comprehensão emquanto lhe não souberam da nada; mas logo que lhes chegou á mão uma quadra assinada pelo pobre rapaz, concluíram:—Faz versos? Então não dá nada.

Um dia o cidadão at'ngiu a idade em que se precisa de ganhar a vida e procurou onde pudesse exercer a sua actividade, retribuida condignamente. Mas, por desgraça, o seu nome á chegára ao ouvido de muitos—e todas as portas se lhe fecharam. O commercio não queria poetas atraz do balcão, a industria não percebia que mãos habituadas á pena se applicassem aos maquinismos complicados, um advogado poeta não dava garantia ás partes, um medico a versejar não era coisa séria...

O dito cidadão esteve sem escrever alguns anos, foi esquecido e uma vez, ocultando cuidadosamente a sua vocação, apresentou-se como candidato a um emprego publico. Requereu na prosa mais baixa de que pôde d'spôr, meteu as necessarias empenhocas—e foi nomeado para uma carreira de successivos acessos, de rasoavel futuro, porque o logar de entrada era de proventos insignificantes.

Emfim, tinha na frente uma estrada aberta para melhores cometimentos, mas—ai!—o vicio dos versos não o tinha abandonado e em breve as satiras que sem remedio lhe escorriam da pena irreverente espalhavam-se pelas repartições, chegando até os directores gerais. Foi o cumulo da infelicidade

para o misero! Tentou conquistar o logar seguinte, em concurso, com provas iguais ás de muitos outros candi-datos—mas estes foram os preferidos, apesar das habilitações do infeliz. Certo amigo comum avistou-se com o ministro que fazia as promoções e falou-lhe no rapaz:—Bem sei, respondeu sua ex.^a. E' um funcionario banal; e depois, faz versos...

Por isso o nosso homem esteve 15 anos a marcar passo em amanuense, vendo passar adiante todos os prosadores da sua categoria, que mais subiam quantos menos dotes literarios possuíam.

Resta-nos dizer uma coisa, para consolação das gerações atuais—e é que este caso se passou ha muitos anos, e que hoje de modo algum se poderia dar, tanto que, como acima acentuámos, as pessoas que negam a João Penha o direito de receber uma pensão não se atrevem a manifestar em voz alta o seu parecer. Roem-no, como se fosse um chifre.

JOSÉ NEUTRAL.

Modo de ganhar á roleta

Apareceu um dia d'estes um anuncio nos jornais declarando que se ensinava o metodo de se ganhar infalivelmente



á roleta. Ler o anuncio, correr ao sitio indicado—que não revelamos para que os pobres banqueiros não fiquem depenados, coitadinhos!—e pedir os esclarecimentos prometidos, foi obra de poucos momentos.

O anunciante apresentou-se-nos miseravelmente vestido e o quarto que habitava, e onde nos recebeu, não podia ser mais pobre. Inquirimos, admirados:

—O metodo de v. ex.^a é realmente infalivel?

—E'.

—Mas não lhe tem aproveitado, ao que vemos.

O homem sorriu, enigmaticamente.

—E está disposto a ensiná-lo?

—Sim, senhor. Por dez tostões.

Pagámos e logo o homem se dirigiu

a uma mesa proxima, abriu uma gaveta, tirou um papel encerrado n'um sobrescrito e disse:

—Aqui estão as instruções que deve seguir se quizer ganhar á roleta.

—Fechadas...

—Abra-as na casa de jogo, antes da parada, e o resultado é fatal.

Agradecemos, retirámos e certos de que n'essa noite ganharíamos dois a três contos de réis percorremos varios estabelecimentos para nos fornecermos, a credito, de varias coizas e loizas de que andavamos muito falhos.

Depois do teatro entrámos na casa de tav'agem mais perto, isto é, na porta seguinte á do teatro, porque n'aquella rua, como em todas, as casas de jogo são porta sim, porta não.

Rodopiava a roleta. Puxámos corajosamente de dez centavos em niquel e iam os ocá-los em determinado numero—tambem não o revelaremos, porque muito nos pesaria, repetimos, contribuir para a ruina dos referidos estimaveis banqueiros—quando nos lembrámos das inst'ções do homem. Abrimos o sobrescrito e lêmos: «Meu caro pedaço d'asno: se quer ganhar á roleta, safe-se immediatamente e não arrisque a minima quantia.» Obedecemos. Abençoados dez tostões!

Frio... frio...

Noticias da Alemanha dizem que n'alguns pontos d'aquella abençoado paiz a temperatura tem estado a dez graus, abaixo de zero. E' inutil acrescentar que tal noticia é dada pelos jornais dos aliados e, por consequencia, tendenciosa: trata-se apenas d'um enfemismo, d'uma formula palpavel de fazer perceber o estado actual de frieza dos boches, não pela falta de calor em todo o corpo mas sómente n'uma pequena parte.

E' um fenomeno que se dá geralmente no homem quando passa de 60 anos de idade; na Alemanha, porém, a guerra ar.tecipou-o, assim como aos seus



desagradaveis feitos, sem que o diabo valha d'esta vez aos varios Faustos avariados.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefa do meu curasão.

Como çabes nan conheso cenão a noça terra e d'êça mêmã çomentes Pêras Ruivas i Lisboa; mas agora, grassas á Imperia, pessa a que açisti uma noite d'estas no triato Avnida, já poço dezer que conheso tamem a Pulonia, ou pello menos us costumes pulares, cigundo perveniui u cartaz.

Naturalmente cepões que ção munto defrentes dos noços; pois istás inganada: cus omes ção tal cal, atradis-os cumo ós de cá, gastam dinheiro na pandiga cumo os de cá i inté jogam o trinta e um, cumo a cá! U que falam é um putiguês um bucado afranseado—pur inzemplo dizem «calma» in lugar de «soçego»—mas nu mais inté paresem portuguezes, cumo v is vêr:

U Almeida Crus em Portugal u que é? um ome danadinho pur mulhere: na Pulonia é a mêmã co'isa. U Armado Vasconceis u que é aqui? um rapaz que desafina a cantar cumo ó diabo—tal cal cumo na Pulonia. A Palmira Bastos aqui? Uma virge pur quem us omes andam pello beisso e que çabe pôr-se nas çuas tamanquinhas; na Pulonia, idam.

Có o Zé Ricardo é que in Portugal é um ome ingrassadissimo i na Pulonia nan tem grassa ninhuma, pu que lhe impijiram um canastrão levado de de mel diabos.

Isquesiame falarê nas dansas pulares minha Zefa: fica çabendo que ção tamem cumo as noças, cumo o Rasga, a Caninha Verde, etc., de modos que, repito, nan vale a pena a jente çair du noço cantinho imaginando que vê çoias novas; é tudo u mêmã.

Purmetite na minha ultema meçiva falarê nos *Novos apostlos* pessa do



meu gadelhudo amigo Ógusto Lasserda, mas afinal cando eu istava pra ir vêr dixeram-me que ce tinha retirado da sena porque a impreza istava já farta de ganhar dinheiro cum ela. Em 5 ó 6 arrespresintassões foi lá Lisboa in peso!

Uma nuvidade cá agora nus triatros é amétade du ispetaclo paçarse ás iscuras, cumo nus animatofos. Entre as 10 i as 11 a Cumpanhia du Gaz enterrompe a luz inletrica pur inconemia, u peçoal de cervisso nu triato vem toudo pró palco i á grande cavaquêra entre us ispetadores i us atores; já ce çabe apurveita-e a incasião prá çua apaladella, as piquenas riem, us papazes toçem i tudo fica estifeito, inclusiva a

EM FOCO



Augusto Lacerda

Visto que teve peça com agrado
Muito embora—misterios que ha na cena—
N'uma série muitissimo pequena
Comparada ao valor manifestado;

Havendo recebido de contado
Talvez, se bem calculo, uma centena
De escudos miseraveis, porque a pena
Sofre, n'este paiz, d'um triste fado;

Agora que dispõe d'algun dinheiro
E pôde uma quantia pequenina
Sem transtorno irar do mealheiro,

Vamos, coragem, seu doutor Sovina!
Agarre cum dois tostões, vá ao barbeiro
E diga que lhe corte a gaforina!

BELMIRO.

impreza porque ço ispetaclo acaba á lem da ora da tabe-a nan paga us cincoenta mel reis da multa.

Cum isto nan te infado mais i acinume cum touda a amezidade u teu inté ó dia de juiz o.

Jerolmo

Emprezario do Paulittama
de Peras Rulvas

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

Objetos de luxo

Meninas e meninos: Muito folgo em ver que estas minhas despretençiosas conferencias são cada vez mais concorridas e é cada vez maior a atenção que lhes prestam. Isso prova da parte dos meus amiguinhos um notavel bom senso e um sincero desejo de bem se prepararem para a luta da vida, pois as minhas palavras encerram sempre, mesmo quando o não pareçam, ensinamentos utilissimos.

Escolhi para tema da de hoje os objetos de luxo, isto é, aquilo de que devem prescindir atualmente, reduzindo as suas aspirações ao que lhe fôr stritamente necessario.

E' inutil dizer-lhes que devem pôr de parte todos os adornos, como aneis, brincos, pulseiras, cãesinhos de regaço, colares, correntes de relógio—e o proprio relógio, visto estar provado

que hoje ninguem sabe ás quantas anda. O ponto que quero frisar não é esse; vou-me referir aos artigos que não parecendo de luxo, o são na realidade. Vamos, por exemplo, á indumentaria, com licença do sr. Castelo Branco.

Quem ha aí que julgue que o chapéu é necessario? O das senhoras, evidentemente, nunca serviu para cobrir a cabeça, de modo que esse está fóra de toda a discussão: mas o do homem será preciso? Não andam os estudantes de cabeça descoberta? Não ha duvida meninas e meninos: o chapéu de homem ou de senhora, é um objeto de luxo, que é urgente suprimir, e tão inutil que o tiramos sempre que queremos manifestar respeito.

Passemos ao colarinho: para que demonio serve essa tira de linho engomada senão para incomodar e para se gastar dinheiro na engomadeira e na lavadeira? Pois não se sente verdadeiro



alivio quando se chega a casa e se põe de lado? Fóra com ele.

Raciocinio igual podemos fazer com referencia aos punhos.

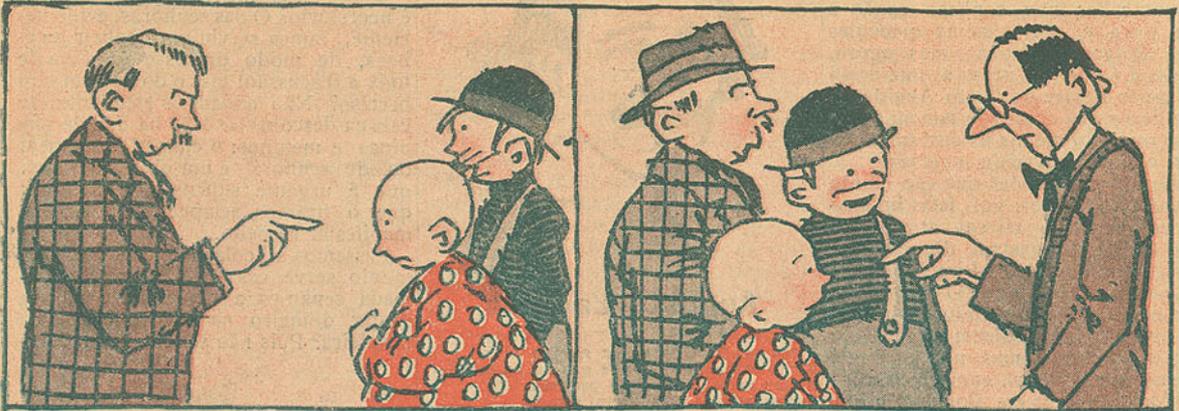
Agora vamos ás diversas camadas que se sobrepõem á pele: camisola, camisa, colete, casaco, ceroulas, calças, meias e botas. Não é preciso ser-se muito inteligente para perceber que são camadas de mais e que uma redução em nada nos prejudicaria, pecuniaria e higienicamente. Então camisola, camisa, colete e casaco não podiam ser substituidos por uma peça unica, de espessura equivalente á soma das d'estas peças, dado que a pele necessite de tão grosso resguardo? O mesmo se deve dizer das ceroulas e calças, que poderiamos substituir por um tecido unico, e das meias e botas, as quais um nadinha mais fortes no cabedal tornariam dispensaveis as meias—e isto não falando em que andar descalço, como as varinas, seria de incontestaveis vantagens.

Creio ter dito o suficiente para provar que o necessario não é, a maior parte das vezes, senão o superfluo julgado necessario pela força do habito. Não vou tão longe que os mande despir, mas se mudarem de roupa no sentido indicado terão procedido como pessoas de juizo.

Bonaparte

(Aluno do liceu Camões).

O Quim e o Manecas alfaiates

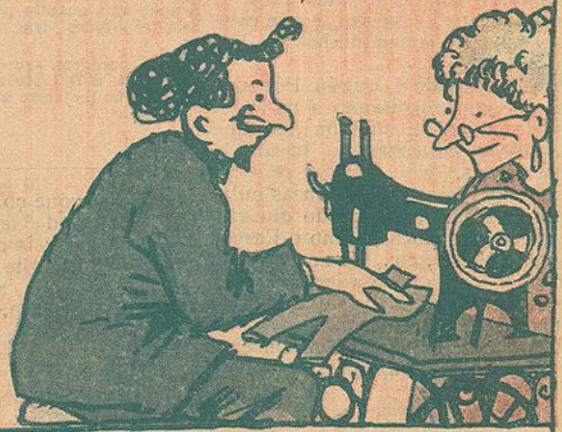


1.—O pae do Quim e do Manecas resolve que estes aprendam um ofício, visto que para comerciantes não teem gelto. Manda-os para aprendizes de alfaiate.

2.—Os dois rapazes apresentam-se ao mestre e prometem portar-se como pessoas inteligentes e ilustradas que são.



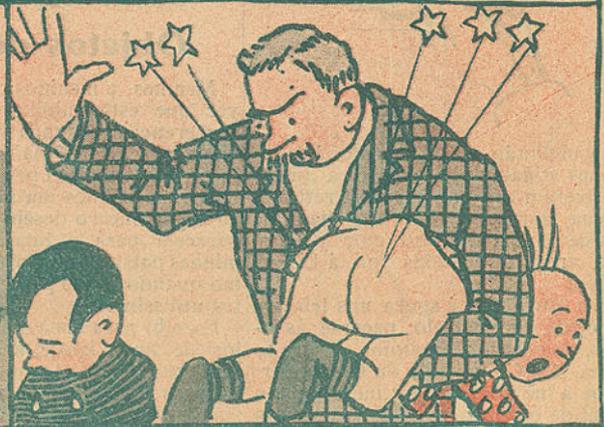
3.—Ao primeiro freguez que aparece o Quim tira as medidas d'um fato e o Manecas escreve-as.



4.—Os officaes da alfaiataria procedem ao corte e preparo do fato e notam que este fica pequenissimo.



5.—Vem o freguez e apresentam-lhe umas calças de 5 centímetros de altura, um colete de 2 centímetros e um casaco de poucos millímetros.



6.—O alfaiate despede-os, o pae dá-lhes a costumada sova e descobre-se que a culpa dos pequenos consistia em não saberem sistema métrico; quando o Quim dissera 0,75 o Manecas tinha escrito 0,075...
Estudem, meninos, estudem!